REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...
ISSN: 2718-8310

TARÔ E ARCANOS MAIORES: COMPONENTES SIMBÓLICOS DA NARRATIVAS TEXTUAL DO CONTO "HISTÓRIA DA REDENÇÃO DA POBREZA" DE EDUARDO GALEANO

TAROT AND MAJOR ARCANA: SYMBOLIC COMPONENTS OF THE TEXTUAL NARRATIVES OF THE STORY "HISTÓRIA DA REDENÇÃO DA POBREZA" BY EDUARDO GALEANO

TAROT Y ARCANOS MAYORES: COMPONENTES SIMBÓLICOS DE LAS NARRATIVAS TEXTUALES DEL CUENTO " HISTORIA DE LA REDENCIÓN DE LA POBREZA" DE EDUARDO GALEANO

Leticia Fátima Arruda
leleleticia1313@gmail.com

Resumo

O presente artigo pretende relatar e discutir o uso do Tarô com foco nos arcanos maiores para compreender a narrativa textual da obra literária de Eduardo Galeano, em seu livro *Palavras andantes*, especialmente no conto "História da Redenção da pobreza", em que o autor conta a história de uma vila e suas dificuldades de sobreviver, até que, em certo momento, um homem de nome Felicinto encontra um emaranhado de dificuldades em seu trajeto na vida, sendo que o uso do Tarô vem para simbolizar alguns personagens e suas ações, em particular utilizando os arcanos maiores com 22 cartas, cujo objetivo é auxiliar e prever o futuro. Além disso, será abordado o descobrimento do Tarô, que é um campo misterioso e envolvente. Países como China, Índia, França e Egito fizeram o uso das cartas para descobrir o futuro, como calendário e para jogatinas e notícias da realeza da época. Por esses e outros usos, a migração dessas cartas popularizou-se no mundo do esoterismo e da arte.

Palavras-chave: Migração; Esoterismo; Tarô; Arte; Eduardo Galeano.

Abstract

This article intends to report and discuss the use of Tarot with a focus on the major arcana to understand the textual narrative of the literary work of Eduardo Galeano, in his book "Palavras andantes" focusing on the short story "História da Redenção da pobreza" where the The author tells the story of a village and its difficulties in surviving until a certain moment a

man named Felicinto finds a tangle of difficulties in his path in life, therefore, the use of Tarot comes to symbolize some characters and their actions using the major arcana with 22 cards whose purpose is to help and predict the future. In addition, the discovery of the Tarot will be addressed, which is a mysterious and involving field, countries like China, India, France, Egypt had the use of cards to discover the future, as a calendar, and even, as games and news from the royalty of time, among these and other uses, the migration of this card popularized the world about esotericism and art.

Keywords: Migration; Esotericism; Tarot; Art; Eduardo Galeano.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo informar y discutir el uso del Tarot con enfoque en los arcanos mayores para comprender la narrativa textual de la obra literaria de Eduardo Galeano, en su libro “ Palavras andantes” con foco en el cuento “ História da Redenção da pobreza” donde el autor narra la historia de un pueblo y sus dificuldades para sobrevivir hasta que en determinado momento un hombre llamado Felicinto encuentra una maraña de dificultades en su camino de vida, por ello, el uso del Tarot viene a simbolizar algunos personajes y sus acciones utilizando el arcanos mayores con 22 cartas cuyo propósito es ayudar y predecir el futuro. Además, se abordará el descubrimiento del Tarot, que es un campo misterioso y envolvente, países como China, India, Francia, Egipto tenían el uso de las cartas para descubrir el futuro, como calendario, e incluso, como juegos y noticias, desde la realeza del tiempo, entre estos y otros usos, la migración de esta carta popularizó el mundo sobre el esoterismo y el arte.

Palabras clave: Migración; esoterismo; Tarot; Arte; Eduardo Galeano.

INTRODUÇÃO

O percurso deste artigo, pretende desmitificar a história da obra de Eduardo Galeano, utilizando o Tarô como abordagem de reflexão e narrativa textual, para refletir os personagens do conto "História da Redenção da pobreza", em que o personagem Felicinto passa por diversas trajetórias complicadas. Sendo assim, ao utilizar as cartas do Tarô para especulações e envolvimento da obra, os arcanos maiores serão o foco neste projeto por auxiliarem nesta jornada de descoberta dos personagens, ou seja, o esoterismo será o foco desta busca de enredo que Eduardo Galeano criou ao trazer um compilado de simbolismos do Tarô como um baralho divinatório ocultista, o qual possui fontes desconhecidas de sua criação. Entre o século XV e o XVII o tarô era dita como uma ferramenta de descoberta do futuro, conversa com deuses, calendários e até jogatinas e torna-se chave para analisar esta história que se passa na contemporaneidade.

Desta maneira, a migração das cartas do Tarô para diversos países, torna-se também fonte de especulação neste projeto, visando compreender a arte do esoterismo com foco nas relações humanas; sendo que a subjetividade entre a arte e a vida, mediante o uso do tarô encontram seu auge nas questões de relacionamentos, saúde e trabalho, que estarão presentes neste artigo. Logo, tudo em nossa volta é simbólico e intuitivo, apesar de centralizarmos o racional como a única fonte de descoberta das coisas. Portanto, o aprofundamento no Tarô é fundamental para aprimorar as muitas culturas que permeiam os estudos até hoje.

Portanto, abordaremos o uso do esoterismo como estudo neste artigo, mesmo que a palavra "esoterismo" seja uma noção estritamente ocidental, o termo esoterismo surge pela primeira vez em 1742 por um autor maçom, remetendo a um ensinamento interno, ou secreto, ministrado nas lojas apenas para os integrantes (Laurant, 1995, p.12); neste sentido, compreendemos que a palavra tem um teor de mistério e energia individual do pensamento de cada indivíduo. No entanto, o termo esoterismo contempla outros estudos:

> *1.O de um caminho ou prática que dirige aquele que o segue a um lugar o qual conteria um tipo superior de conhecimento através do contato direto com a tradição. 2. O de conhecimento rejeitado, marginalizado por uma tradição hegemônica*.
>
> Faivre, 1994, p.10.

Nestes termos, continuaremos a pesquisa, para que o uso do Tarô se envolva na compreensão simbólica da obra de Eduardo Galeano.

Portanto, o artigo irá resultar na seguinte estrutura para o desenvolvimento da obra: a compreensão da história do Tarô, enfatizando o uso dos arcanos maiores e relembrando os arcanos menores, bem como a história da migração das cartas; além disso, as cartas da sacerdotisa, do louco, do diabo e do mago serão exemplificadas figuradamente como análise visual, logo, envolveremos a história cultural e complementar do esoterismo e simbolismo; analisaremos a narrativa textual da obra "História da Redenção da pobreza" e a inter-relação do simbolismo e do Tarô. Também haverá a reflexão da obra de Eduardo Galeano com o

preceito do esoterismo, simbolismo, intuição, com os componentes simbólicos dos arcanos maiores, que terão um papel crucial para relacionar esses símbolos com a história da redenção da pobreza.

HISTÓRIA DO TARÔ

Para darmos início à história do Tarô, é preciso observar que sua origem é desconhecida e mística, ou seja, não existe um fundador do baralho de Tarô para podermos intitular um nome preciso. Neste sentido, a ascendência da palavra Tarô é corruptela de Toth, considerado o antigo deus egípcio da magia e da sabedoria como um possível fundador das cartas. Além disso, são diversas histórias e países das civilizações antigas que fazem parte da construção do legado com que o baralho místico marcou o mundo. Mediante os pensamentos de Aranha (2010, p.1): "O Tarô é um baralho de cartas de origem misteriosa e desconhecida. Sabe-se que sua existência é de no mínimo seis séculos", portanto, para os pesquisadores desta linha, o Tarô teve início no Antigo Egito, no livro de Toth, contudo, não devemos nos limitar somente a esta civilização. Antigamente as pessoas não tinham a facilidade de comunicação, o papel não havia sido descoberto e, portanto, outros estudos acerca da origem das cartas são relevantes. O Tarô também se desenvolveu nas culturas orientais Chinesas, Indiana e Persa, visto que, jogos como dominó e xadrez tiveram sua origem nestas mesmas culturas. Além disso, é neste mesmo período, que a utilização do papel como comunicação foi sendo ampliada para todos os territórios, trazendo, assim, mais especificidades de criação do Tarô em cada cultura, bem como suas diferentes maneiras de pintar, simbolizar e explicar.

Notadamente, o baralho se constitui de 78 cartas, divididas entre arcanos maiores, com 22 cartas, e arcanos menores, com 56 cartas. Foram inseridos mais tarde no baralho, divididos em duas sequências, uma de figuras e outra numérica de 1 a 10, tendo como sua continuação formada pelo Rei, Rainha ou Dama, Cavaleiro e Valete; logo, restaram mais 22 cartas especiais, chamadas pelos italianos como "trunfos" e, pelos franceses, "atouts", que traduz as cartas que se sobrepõem às outras. Portanto, esta ligação de símbolos e números também está atribuída ao baralho do povo cigano, que já utilizava como arte divinatória em suas viagens.

> *É possível que haja uma ligação entre a origem do baralho e os ciganos. Alguns historiadores associam as cartas com os ciganos originários do Indostão forçados a sair da Índia, no início do século XV, por Timur Lenk, conquistador islâmico de grande parte da Ásia Central e da Europa Oriental.*
>
> Ibidem, p. 12.

Além disso, os ciganos ficaram por um tempo sendo conhecidos por serem os criadores do tarô, porém, esta hipótese perde fama quando a história revela que já existia o jogo de cartas mesmo antes da chegada do povo cigano. Há também teorias de que o Tarô foi criado pelo

ISSN: 2718-8310

grupo Mamelucos[1], que invadiram o Egito entre os séculos XIII a XVI, fazendo câmbio com o sul da Europa, migrando o jogo de cartas por toda a Europa.

Sendo assim, apesar das diversas histórias e pesquisas em torno do descobrimento do Tarô, é fato entender que inúmeros países e civilizações antigas se conectaram e migraram seus estudos sobre o baralho místico, que perpetua até hoje. Apesar disso, sabe-se que não foram nem os chineses e nem os mamelucos islâmicos que "descobriram" o Tarô. Consequentemente, os chineses inventaram as cartas lúdicas chamadas de naipes, e os Mamelucos poderiam ter migrado as cartas para toda a Europa, onde a base de invenção dos primeiros Tarocchi ou Tarô, que são cartas com desenhos representando o cotidiano da realeza do Norte da Itália.

Deste modo, foram diversos países que obtiveram seus conhecimentos próprios sobre o baralho, construindo os seus significados e símbolos pela própria experiência cultural, porém, sua dimensão mundial como um jogo místico e esotérico, associada ao inconsciente e à nossa trajetória de vida guiadas pelos símbolos, imagens e números, são deveras assuntos que discorremos logo adiante.

O Tarô sempre foi ponte de curiosidade e interesse de diversos pesquisadores, místicos, magos, sacerdotisas sobre sua verdadeira fonte; livros antigos e mapeamento histórico foram revistos por muitos, apesar disso, desvendar sua origem não é tarefa fácil, portanto, ainda sobre o mistério que rege o Tarô, compreendemos que:

> *Dúvidas sobre o criador original das cartas de tarô, a época e o local da sua criação, o significado de seus símbolos complexos e até mesmo a origem do nome "tarô" há muito tem sido debatido, inspirando tanto uma erudição séria quanto uma especulação insana.* [...].
>
> Bem-dov, 2020, p. 20.

Sendo assim, mediante as observações de alguns pesquisadores, os primeiros baralhos de cartas surgem na China, com outros jogos como o dominó.

> As cartas de baralhos só começaram a existir depois da invenção do papel, a qual os historiadores atribuem aos chineses de mais ou menos cem anos antes do nascimento de Cristo. Muitos historiadores acreditam que os chineses antigos inventaram o baralho e outros jogos como o dominó e o *mahjong*. Com o tempo, as cartas vieram para o oeste através de rotas de comércio e se popularizaram nos países árabes no Oriente Médio. As cartas mamelucas do século XIV, do Egito, são surpreendentemente semelhantes às cartas modernas e às cartas numéricas do tarô.
>
> Louis, 2019, p. 27

---

[1] [...] um grupo de nômades oriundos da Turquia e da Rússia e treinado para lutar ao lado dos exércitos muçulmanos no Egito. [...]. (IRWIN, 1986, apud SANTA ROSA JUNIOR, 2010, p. 12).

Portanto, diversas fontes comentam e geram controvérsias sobre a trajetória do Tarô em diversas civilizações. Segundo Bartlett (2011), teria surgido através dos Cavaleiros Templários; outros afirmam que o conhecimento sobre o tarô apareceu com a chegada dos ciganos. Logo, surge a concepção do “Livro de Thoth”, localizado no Antigo Egito como um campo originário de descobrimento da carta.

> Embora sua trajetória histórica ainda cause polêmica entre os pesquisadores e ninguém saiba datar com precisão sua origem, há evidências que permitem descobrir várias pistas confiáveis. Supõe-se que o Tarô nasceu com o advento da impressão no século XV e, sobretudo, com o desenvolvimento da xilogravura. Segundo os historiadores, teria surgido há cerca de quinhentos anos e, portanto, em teoria, remontaria à época do Renascimento. Embora os baralhos de tarô europeus tenham se inspirado nas cartas dos mamelucos islâmicos, das quais seriam primos distantes, o Tarô teria aparecido, de fato, na Lombardia do século XV, por volta de 1420, [...].
>
> Parisse, 2020, p. 9.

Enfatizamos neste artigo que é improvável “descobrir” quem realmente criou o tarô para o mundo, evidenciamos que o Tarô é um baralho místico com o intuito de promover o uso da intuição, simbolismo e subjetividade do homem no mundo e também que foi criado e desenvolvido por um multiculturalismo universal, baseado em civilizações antigas. O simbolismo e o Renascimento Italiano foram marcas importantes para que o Tarô se transformasse em um campo privilegiado do ocultismo, ou seja, foi nesta época que aconteceu a mudança de pensamento do Teocentrismo para o Antropocentrismo, uma característica importante para que o reconhecimento do Tarô se popularizasse na Europa, ou seja, não negamos que o Egito, Índia e China tiveram importantes destaques na construção do baralho, compreendemos que foi necessário a junção de várias culturas para que o único entendimento do Tarô fosse o de desmitificar as fases do seres humanos na vida, compreendendo sua trajetória na vida, baseada em dores, sofrimento, vida, morte, alegria, amor, saudade, equilíbrio, força, medo, coragem, intuição, sorte; tais palavra sugerem importantes paralelos entre o homem e o divino no mundo, contudo, o a concepção de um Deus único em palácio com ouros e joias centralizado na religião católica, de certa forma, é questionado pelo Tarô, que traz à tona os caminhos que cada pessoa pode seguir, por sua própria escolha de vida.

APRESENTAÇÃO DO TARÔ

Neste item, faço uma breve apresentação do baralho de Tarô de Rider Waite. Antes, precisamos relatar que não existe um único baralho correto para a leitura das cartas, pois, até o começo do século XX as cartas existiam apenas em contextos culturais extremamente restrito e utilizavam sua função como cartomancia, portanto, o baralho mais conhecido atualmente, mas que não será o baralho que iremos utilizar para análise deste projeto, é o Tarô de Marselha, inventado no século XIV, quando ao *Trunfos*-Tarô foram acrescentados quatro

ISSN: 2718-8310

arcanos maiores no baralho, no norte da Itália, tornando-se popular em três cidades: Bolonha, Ferrara, Milão. Logo depois da repercussão, diversos conheciam a história do Tarô, começando pelo baralho de Marselha, berço renascentista Italiano e antropocêntrico da época.

Porém, a expressão "Tarô de Marselha" recebeu este nome no século 1856 por Romain Merlin, livreiro e historiador de Tarô da época. Segundo Godo (2020, p. 9):

> *Para dar nome a uma variedade de designs intimamente relacionados que estavam sendo criados na cidade de Marselha, ao sul da França, desde meados do século XVII – por exemplo, o Tarô de Jean Noblet (1650); o de O Taro de Marselha; O Tarô de Marselha de Jacques Vieville (por volta de 1650); o de Pierre Madenier (1709); o de Jean Dodal (por volta de 1715); o de Nicolas Conver (1760); e o Tarô de Marselha de Grimaud (1930), o mais famoso de todos.*

Dessa maneira, o seguinte artigo irá se debruçar sobre o baralho de Rider Waite. O criador do Tarô de Rider Waite se intitula Dr. Arthur Edward Waite, considerado o grão-mestre da ordem Aurora Dourada, ordem hermética fundada em 1888, grande ocultista renomado da época, conhecido também como o recriador do Tarô, visto que, sua interpretação do Baralho é mais enriquecedora de simbolismo e números que fazem parte do jogo.

O Tarô foi desenhado pela artista visual e também membro da ordem Pamela Colman Smith, suas iniciais "PCS" estão marcadas em todas as cartas do Tarô. O Baralho de cartas possui 22 Arcanos Maiores e 56 Arcanos Menores. Não existe uma fonte verídica, a maioria das histórias contam que os 56 baralhos foram incorporados no jogo mais tarde, também existindo uma sequência de Rei, Rainha ou Dama, Cavaleiro e Valete. Podemos conferir as configurações emblemáticas que circulam entre os diferentes arcanos.

> Não se sabe ao certo a origem das cartas do baralho tradicional. Nem se pode afirmar, com certeza, se o conjunto dos 22 trunfos ou Arcanos Maiores - com seus desenhos emblemáticos - e as muito bem conhecidas 56 cartas dos chamados Arcanos Menores - com seus quatro naipes - foram criados separadamente e mais tarde combinados num único baralho, ou se, desde seu nascimento, tiveram a forma de um baralho de setenta e oito cartas. Existe, no entanto, um ponto de concordância entre a maior parte dos estudiosos: raros imaginam que se trataria de alguma manifestação ingênua de "cultura popular" ou de "folclore". Ao contrário, a abstração das 40 cartas numeradas, bem como as evocações simbólicas dos trunfos, permite associações surpreendentes com inúmeras outras linguagens simbólicas. (Compilação de Constantino K. Riemma https://www.clubedotaro.com.br/site/h22_1_origens.asp)

Portanto, iremos enfatizar nesta pesquisa os 22 arcanos maiores do Baralho de Rider Waite, são eles: O Louco, O Mago, A Sacerdotisa, A Imperatriz, O Imperador, O Hierofante, Os Amantes, O Carro, A Força, O Eremita, A Roda da Fortuna, A Justiça, O Enforcado, A Morte, A Temperança, O Diabo, A Torre, A Estrela, A Lua, O Sol, O Julgamento, O Mundo.

O conhecimento do Baralho do Tarô para fins esotérico e divinatórios foram descobertos para esta utilização mais tarde, pois, na realeza, o uso das cartas estavam estritamente ligados ao cotidiano da corte da época, como casamentos, roupas e notícias do rei para o povo.

> *Sejam os baralhos de Tarô para fins lúdicos, dos que são para fins herméticos e autoconhecimento, ficou definido que, o termo Trunfo ficaria sendo utilizado às cartas lúdicas, já às cartas ocultas, o termo seria então, o Arcano. Dado os fatos, entendemos que o Tarô não nasceu com fins místicos, e sim, tão somente, com o propósito de contar os fatos sociais da época, sobretudo, da nobreza renascentista, através de imagens pintadas, estampadas em cartas e utilizadas em jogos lúdicos, que mais tarde seriam, sim, utilizadas também à arte da divinação".*
>
> Naiff, 2020, p. 28 e 29

O Tarô é uma ferramenta precisa e preciosa para aqueles que manipulam, o sentido lúdico e mágico sobre as cartas são existentes quando o jogo está centralizado na vida da pessoa que consulta. O acesso ao EU - INTERIOR é o aspecto mais preciso que as cartas trabalham, pois cada imagem e cada símbolo que nela surge tem relativos preceitos importantes sobre nossa vida e nossas ações, mensagens intuitivas e adivinhatória para podermos caminhar em passos firmes e confiantes em nossos sonhos e vontades internas.

ISSN: 2718-8310

TARÔ RIDER WAITE

Os 22 Arcanos Maiores



Figura 01 - Taro de Rider Waite, fonte: http://tarotoraculomilenar.blogspot.com/2011/06/arcanos-ocidental.html

O Tarô pode ser considerado um livro visual com símbolos e números, que rege sempre um personagem com movimentos e significados sobre os objetos e a ação, ou seja, ao interpretar cada carta o leitor sugere a si um olhar mais intuitivo e subjetivo sobre as cartas, isto é, a necessidade de querer saber sobre a vida e os caminhos podem esotericamente ser descobertos para aquele que interpreta.

Tudo está relacionado a cada imagem, número e história que acompanha cada peça, sendo que, cada um tem um propósito singular e criativo particular dos 22 arcanos maiores, que aparentemente não tem nada em comum entre eles, porém, se completam e se unem contando uma história grafada em qualquer ser humano no mundo. Seja vivendo seus amores, dores, momentos, lembranças, perdas e sucesso, a capacidade que cada ser humano tem de viver a sua vida e de certo modo, escolher o seu caminho é inerente a qualquer um, isto é, as cartas auxiliam em conjunto com a intuição a harmonização do seu atual momento de vida, abrindo uma visão sobre algo ou alguma coisa que Nós-Eu não costumava enxergar.

Sobretudo, cada signo contido na carta do Tarô equivale a um significado subjetivo e instintivo daquele que interpreta, isto é, fases da vida que lidam com saúde, relacionamentos e trabalho.

Vamos agora apresentar algumas cartas dos 22 Arcanos Maiores e seus receptivos significados.

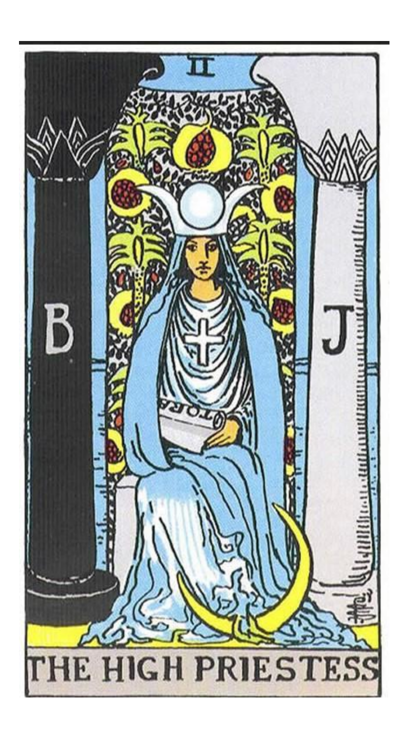
A NARRATIVA DO TARÔ

O Tarô pode funcionar como uma carta enigmática e oculta, ou seja, um baralho com imagens e símbolos que possuem significados e sentidos para situações cotidianas da vida. Neste caso, utilizaremos como fonte de pesquisa as 22 cartas dos Arcanos Maiores, nos quais podemos compreender que este conjunto relata uma situação futura mais precisa da vida daquele que a interpreta, segundo Aranha (2010, p.17), "Tudo se relaciona a partir da exclusividade de cada imagem, de cada detalhe desenhado minuciosamente, tecendo um propósito criativo na sequência lógica e particular do caminho dos 22 Arcanos", ou seja, mesmo cada carta possuindo o seu lado particular, elas possuem algo em comum no seu todo, símbolos ocultos e uma narrativa da história.

A utilização das imagens como um fator de adivinhação faz parte de uma narrativa que acompanha a evolução dos homens desde sempre, pois os seres humanos necessitam transmitir mensagens e se conectar ao conhecimento; cada carta conta uma história sobre algo e sobre alguém, além disso, os Arcanos Maiores são fontes importantes de destaque para esta história, visto que os 22 Arcanos são mais precisos sobre cada particularidade da vida das pessoas e as fases que cada ser humano passa para evoluir, logo, compreendemos narrativa segundo a perspectiva de que ela:

> (...)está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas. A narrativa está sempre presente, como a vida".
>
> Barthes, p.103-104

Contudo, ao nos debruçarmos sobre o estudo do Tarô, como mistério, oculto, esotérico, místico, entre outros adjetivos pertinentes, compreendemos que este desconhecido pode falar, que as imagens e os símbolos que cada carta propõe pode comunicar situações que não conseguimos enxergar. Este desafio começa a ser decifrado quando compreendemos que a palavra "Arcano" significa "Mistério", esta obra silenciosa traz interpretações enigmáticas, que estão vinculadas ao nosso cotidiano. Portanto, se invertemos as letras da palavra Tarô, construímos outra palavra chamada "ROTA", o que Oswald With intitula como caminho simbólico para a compreensão dos 22 ARCANOS, no entanto, ROTA traz o sentindo de distribuir os 22 arcanos de maneira circular a começar pelo arcano 1 e terminar no Arcano 22 ou 0.



Carta 02: A Sacerdotisa

O enigma posto nesta carta, faz jus à sua simbologia, uma mulher sentada em um trono, em seus pés tem a lua, e ambos os lados possuem cores diferentes, lembrando o yin e yang, esta carta é o símbolo da intuição, da energia passiva, e do inconsciente, tem total conhecimento

sobre a sabedoria interna, o mistério, a quietude, indicando que temos que parar e ouvir a voz interna em nós mesmos, além disso, é uma carta que estimula as situações externas a se moverem.



Carta 15: O Diabo

Uma das cartas mais temidas do baralho, quando aparece o The Devil para o jogo os relacionamentos estão postos sobre a mesa. Simbolicamente, nota-se um homem e uma mulher juntos, relacionando-se com a imagem católica de Adão e Eva, pois os dois estão acorrentados, por vontade própria; visualmente nos deparamos com a ideia de um relacionamento tóxico, abusivo, violento. A carta do diabo, é uma carta misteriosa, pois, é um ícone que está em nossa vida, porém, a ideia de existir um diabo é negado por alguns por estar relacionado com a religião católica, e mais: á mentira, aos vícios, ao medo, à persuasão, à falsidade, à maldade, ao egoismo, à violência, que são aspectos negativos que envolvem esta carta e tudo aquilo que existe em nosso mundo.

Desta maneira, analisaremos, quatro cartas: o Louco, Mágico, a Sacerdotisa e o Diabo para compreendermos que as cartas do Tarô representam uma concepção do lúdico e da arte divinatória, ou seja, um simbolismo advindo do inconsciente humano nos revela fatos de nossa vida que não compreendemos, mas que estão acontecendo. Portanto, seguiremos para o próximo tópico para entender melhor esta concepção.

O SIMBOLISMO E ESOTERISMO NO TARÔ

O simbolismo tem fontes de nascimento no século XVIII e constituiu seu crescimento no século XIX, logo, a revolução industrial nasceu para compreender o mundo de uma maneira

efêmera, rápida e fugaz, ou seja, foi neste crescimento das máquinas e da necessidade do homem em trabalhar em produzir rapidamente e sem a necessidade de pensar sobre ele mesmo no mundo, que a humanidade constrói um conceito diferente, o simbolismo, nascido para significar as situações humanas através da arte, questionando, refletindo este homem e o mundo em que habita.

A contemplação da palavra “esoterismo” contém fontes diversas e repletas de segredos e contradições, indícios de que, segundo Jean-Pierre Laurant, o termo “Esoterismo” surge pela primeira vez em 1742 num autor maçom [2] ,“.. e lá remete a um ensinamento interno, ou secreto, ministrado nas Lojas apenas aos seus integrantes” (cf. Laurant, 1995, p.12). Com esta descoberta, a palavra *esoterismo* possui outros sentidos, como: 1) O de um caminho ou prática que dirige aquele que o segue a um lugar o qual conteria um tipo superior de conhecimento através do contato direto com a *tradição* ou 2) o de conhecimento rejeitado, marginalizado por uma tradição hegemônica (cf. Faivre, 1994, p.10). Os estudos das escolas e dos métodos que eram aprendidos poderiam ser uma fonte importante de contato com o esoterismo, o estudo do místico e do oculto eram uma maneira de alcançar o lugar que se quer atingir.

Portanto, sabe-se que apesar dos estudos sobre esta palavra na filosofia ocidental, tudo que contém a palavra “esotérico” é rejeitado como algo negativo, portanto, este pensamento é onipresente do homem que não quer pensar fora da caixa e alega que tudo está no dogma da religião. O pensamento do homem é racional, sendo ele mesmo que determina aquilo que entra no campo como aceitável ou passível de estudos.

> *O Julgo da Teologia acerca do esotérico o tornara periférico ou excluído; entretanto, o desmantelamento do lastro que sustentava a hegemonia da Teologia fez surgir um campo vasto passível de inúmeras abordagens, sem a necessidade da Teologia para acessá-la. Ou seja, foi primeiro necessário “ir para fora” do teológico, para acessar o esotérico por meio dele mesmo (o interno), ou seja, desde a perspectiva - no sentindo mesmo de visão - do esoterismo, recuperando-o do exílio, do claustro teológico.*
>
> Vieira, Santana, 2014, p. 5.

Tudo está na questão de dentro e fora, aquilo que faz sentido para eu expressar para o mundo e naquilo que eu realmente acredito que seja verdade, e que muitas vezes está oculto sobre os meus próprios pensamentos, por medo, e receio da negação das pessoas que não se adentram ao desconhecido. Trabalhar o nosso instinto é não esquecer que somos humanos, vivemos em um mundo onde presenciamos o racional como maneira de compreender a vida, e esquecemos da veracidade de que nosso instinto trabalha a nosso favor, pois o nosso pensar e agir está inteiramente ligado ao que pensamos. De acordo com Jung (2013g, p. 230), “As formas de pensar e agir do ser humano não seriam fruto do acaso, mas seriam influenciadas por trilhas de possibilidades pré-estabelecidas, presentes na própria estrutura do cérebro”, sendo assim,

[2] La Tierce, Nouvelles obligations et status de la très vénérable corporation des francs maçons, 1742.

ISSN: 2718-8310

Freud compreendia que o instinto sexual era fonte potencial de desenvolvimento da mente do homem, logo, diferente de Jung, o mesmo pensa que existem outras fontes de instintos.

Basicamente, existem grupos de instintos que Jung propõe como reflexão: o instinto de autopreservação, da preservação, reflexão, ação, criatividade; neste ínterim, iremos relacionar o instinto da reflexão como forma de união com os elementos de interpretação do Tarô, pois é pelo uso das cartas do baralho que fazemos associações que confrontam nossa vida. Segundo Gonçalves(2021, p. 120) "o que leva a uma maior variabilidade de suas respostas, funcionando como uma espécie de raciocínio instintivo, que está na base das produções culturais mais complexas", ou seja, é através do instinto de reflexão que permeia os hábitos cotidianos que atingimos a compreensão sobre o rumo da vida, portanto, o uso do Tarô como um baralho místico está voltado para a reflexão dos nossos atos presentes e futuros. Assim demonstra o pensamento de Naiff (2020, p.13),

> *Quanto à sua literatura propriamente dita, registros nos mostram que por muitos séculos o Tarô foi utilizado simultaneamente, tanto de forma lúdica quanto espiritual. É importante observar esse aspecto, pois na Europa ainda se utilizam as cartas do Tarô para torneios de jogatina. Por isso, em francês, para se definir a forma de utilização das cartas, se diz: tarot a jouer (tarô para brincar, jogar) ou tarot divinatoir (tarô para adivinhar, ler). Em toda a América do Sul e Central, onde não há a cultura de "brincar" com o tarô, algo parecido com o famoso jogo do buraco, não se faz essa distinção, pois é tido como algo intocável e sacralizado. Contudo, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, quem faz uso da jogatina não utiliza o oráculo e vice-versa. É tudo uma questão de crença e cultura.*

Portanto, é a partir das cartas lúdicas e esotéricas que compreendemos, através da nossa intuição, os simbolismo que cada revelação mostra para nosso dia. A tiragem de cartas feita pela pessoa que estuda tarô é compreendida por vários aspectos, entre elas estão o uso da intuição como maneira de interpretar o simbolismo existentes que se relacionam com o mentalizado, e a reflexão sobre o que a pessoa que pediu a leitura espera, pois a conexão parte da sintonia das duas.

As mulheres que dominavam sobre a arte da adivinhação eram chamadas de cartomantes[3]. Mulheres e homens iam atrás das consultantes das cartas mágicas para saber sobre saúde, relacionamento e trabalho. Contudo, a aceitação das mulheres no ciclo ocultista só aconteceu no século XIX, sendo desta época os primeiros registros de tarô como preceito divinatório.

---

[3] Um fato curioso: somente os homens podiam ilustrar e produzir as cartas do Tarô, as quais só utilizavam em sua forma lúdica, enquanto as mulheres jogavam também em sua forma oracular. Podemos assegurar que o Tarô adivinhatório (oráculos, espiritualidade) era essencialmente uma arte feminina e, talvez, por estar inserido em uma sociedade misógina, as ocultista tenham de recusar a estudar sua rica simbologia (NAIF, 2020, p.13).

Contudo, o uso das cartomantes para a leituras de cartas, significou uma desconstrução da misoginia e sexismo, marcando a história da luta feminista, pois, é com este debate que o esoterismo se revela uma arte divina oculta. Os simbolismos nas figuras das cartas que decodificam verdades da vida alheia, o presságio, o aviso, aspectos que também resultam de reflexão sobre os próprios atos, tornam-se parâmetros importantes para levarmos o Tarô para outro patamar de compreensão. Além disso, os personagens que atuam em cada carta estão revestidos de contos e histórias que se reproduzem em nosso cotidiano.

HISTÓRIA DA REDENÇÃO DA POBREZA

A Narrativa é uma história que está em nossa vida, um contador de história precisa sempre relatar os fatos, os personagens e os momentos em que se passa o enredo. Sobre isso, o escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano, caminhou em passos firmes e lúdicos quando escreveu o livro *Palavras Andantes*, uma obra de 2017 (1ª ed.), as gravuras são de José Francisco Borges, com um toque da tradição do cordel. Um livro lindo, simples e folclórico. Muitas das histórias descritas por Galeano são de cunho humilde, simbolistas, com imagens que desenham o pensamento do leitor em se aprofundar na obra, em que aparecem animais, pessoas, roupas, situações cotidianas, relacionamentos, morte, saúde e mistério, para enumerar algumas das palavras abarcadas por este livro.

Sobretudo, compreender a obra está muito além do que ler e interpretar, afinal o leitor se sente imerso e aflito em cada palavra de Galeano. A história é corrida, explicativa e, além de tudo, enigmática. O brincar com a situação de miséria vem carregado de questionamentos e significados folclóricos em cada conto. Diante disto, iremos analisar o conto “História da Redenção da Pobreza”, que se inicia na página 173. Primeiramente, ao abrir este capítulo da obra, você se depara com figuras interessantes feitas pelo artista J. Borges; logo na primeira página você encontra mulheres carecas ao redor de uma pedra, com gestos de religiosidade, como se tivessem rezando para alguém, logo, os homens estão ao lado erguendo as mãos, como se quisessem tocar nas mulheres. Ao lado, você encontra a foto de um homem com dois chifres e uma cauda, simbolizando a imagem de um demônio, ele está carregando um animal que lembra um caranguejo.

De acordo com esta primeira página do conto, podemos referenciar vários detalhes simbólicos que o Tarô atravessa em cada carta. Porém, iremos analisar este fato ao final deste capítulo para compreendermos melhor; seguiremos com a contação da história para conhecer o seu todo. A história começa com a seguinte citação:

> *O derradeiro galo já tinha virado sopa. As viúvas cavavam a terra à procura de grãos; e encontravam lixo. A aldeia estava nas últimas. Não havia mais nenhuma única moeda para pagar os mercadores que muito de vez em quando passavam por ali. Eles cobravam levando a única coisa que havia; as mulheres ficavam com cabeça raspada e os homens com um rim só.*

REVISTA DIVERSIDAD DE LAS CULTURAS
Ciencias Sociales, Artes, Humanidades
Argentina... Brasil... Latinoamérica toda...

ISSN: 2718-8310

Galeano, 2007, p. 173.

Neste episódio, vemos a alusão que dialoga com as imagens que estão no começo da obra, em seguida, Felicinto, que é o protagonista da história, entra em ação, para transbordam as dúvidas e questionamentos.

> *Em plena noite, Felicinto foi pescar alguma coisa para aliviar a fome. Ia a caminho do rio, quando de repente o mato despencou em cima dele e o encurralou. Os tentáculos cheios de espinhos cortaram-lhe o passo e atacaram. Felicinto se defendeu a golpes de facão, mas os galhos cortados tornavam a se unir e o matagal cortado tornava a se erguer. E o mato já o estava devorando, quando de repente uma língua de fogo abriu caminho para Felicinto, no meio do emaranhado.*

Galeano, 2007, p.173 e 174.

Felicinto, nesta história, é o protagonista, ele caminha sozinho por um certo momento, até que encontra um companheiro que segue com ele a viagem, um desconhecido. O viajante que está com Felicinto era um homem lavrado de diamantes e com chapéu de peão que de tão grande que escondia o rosto.

> *Não trocaram nenhuma palavra. No meio do caminho, o caminhante parou para fumar. Não ofereceu, e Felicinto teve a atenção chamada para o estilo: o homem arrancou um dólar da orelha, esfregou-o contra a unha, fez chama. Quando acendeu o cigarro, todas as suas roupas se iluminaram feito brasa ardente, da única bota ao chapéu de Jalisco, empetecado de joias.*

Galeano, 2007, p. 174 e 175.

A história transmuta do enredo e passa para o lúdico, ou seja, o homem que caminha com Felicinto é um desconhecido, com a magia em suas mãos, o místico e o esotérico, aquilo que não podemos compreender a olho nu e que está repleto de símbolos. Portanto, antes mesmo de Felicinto observar aquelas joias e pedir um empréstimo para comprar comida, o galo canta quando o homem misterioso acende uma chama de fogo na palma da mão, e encendei-a tudo o que é visto, terra, árvores. Esta parte da história é marcada de tragédia, segundo Galeano (2007, p. 175), "Era o último galo da aldeia, o galo sacrificado, cantando da morte: cantava fora de hora, pelo puro prazer de incomodar. E assim que o cacarejo rompeu a noite, o luxuoso cavalheiro desvanece-se no monte". Por fim, o estranho personagem que se uniu à caminhada de Felicinto era um mago? Bruxo? Demônio? Muitos questionamentos sobre quem poderia ser este personagem.

Ao longo da história, o protagonista não consegue mais sobreviver na terra, pois tudo estava queimado, e não havia mais onde pescar e nem dormir. Depois do momento turbulento, entre as queimadas, ele encontra a dama da noite que lhe fez um trato, por Felicinto não pedir nada

em troca para o diabo, a mulher de véu preto lhe ofereceu pedras em troca de um beijo, logo, em todo o local que ele observava podia colher pedras.

> *No dia seguinte, Felicinto encheu um saco de pedras, jogou-o às costas e começou a caminhada para a cidade de Oaxaca. Caminhou vários dias, curvado pelo peso. E num mercado dos subúrbio, sentado no chão, anunciou sua mercadoria. Desde o amanhecer, Felicindo passou gritando: - Pedras! Pedras! Ninguém comprou*.
>
> Galeano, 2007, p. 177.

Ao longo da história, o protagonista não consegue vender as pedras, e no caminho para um lugar sem rumo, encontra uma senhora que aparece como um vulto, ela lhe oferece uma comida e uma máscara para que se esquentasse do frio, logo, o louco volta para o seu caminho sem destino e continua um trajeto de ida e sem volta, sem olhar para trás, encontra a sorte no caminho, ele coloca a máscara. "*Com isso, cubra a sua cara, que é o que tem de mais despido*" (Galeano, 2007, p. 177). Dessa maneira, ele esquece quem era ou o que já foi no mundo e passa a assumir outra identidade.

A máscara que lhe foi dada era um símbolo de que nunca mais Felicinto pode se desfazer, pois, ao caminhar para outros trajetos em sua vida sem direção encontra um grupo de homens que observa dormindo.

> *Felicindo não tinha visto que havia outros homens dormindo no calor. Eles despertaram antes dele, com as primeiras luzes, e ao vê-lo, gritaram: - O diabo! e perderam-se em disparada no horizonte. A gritaria fez com que ele pulasse. Felicindo viu aquele pessoal voando na poeira, e num prado vizinho viu algumas mulas pastando. Os ladrões haviam abandonado, nos alforjes das mulas, os lingotes de ouro do banco que tinham assaltado.*
>
> Galeano, 2007, p.177.

Em suma, a história da redenção da pobreza é um conto fantástico de mistério, fantasia, folclore, superstição e tem um enredo muito forte no inconsciente do homem e seu caminho no mundo, como um viajante sem rumo em busca de comida. Portanto, analisaremos a relação simbólica que as cartas do Tarô têm em comparação com a história relata.

OS ARCANOS MAIORES E OS SÍMBOLOS DA HISTÓRIA

A princípio, o conhecimento sobre o baralho Tarô de Rider White tornou-se o viés para que se fizessem a comparação com o conto de Eduardo Galeano, "A história da redenção da pobreza", . Quando me propus a pesquisar o Tarô, cartas nos quais eu jogo faz dois anos, eu compreendi que o caminho de qualquer ser humano é entendido por suas relações e pela sua

ação de aceitar o seu próximo caminho, e sobre isso é que a relação do conto com o tarô se faz.

Em todo o trajeto da história, Felicinto está à procura de comida e de um lugar para morar. Morando em uma vila sem condições e prestes a ser invadida pelos policiais, ele teve a escolha de caminhar sem rumo à procura de comida, nisto o símbolo de caminhar sem rumo ganha significado com a carta do Louco dos arcanos maiores, sendo a primeira carta do baralho. Segundo Eliana Sousa, do blog Tarot Farm:

> Quando o Louco estiver em sua tiragem de tarot, esteja pronto para viver o momento. Ele aponta para um novo começo emocionante, que envolverá assumir riscos. Esteja aberto a essa oportunidade e tenha fé no caminho à frente. A recompensa por dar o salto de fé tem potencial ilimitado. Mesmo que o Louco não venha com uma promessa de sucesso, ficar parado para sempre impedirá que você alcance todo o seu potencial.
>
> Sousa, 2022.

Neste ínterim, observamos o trajeto do protagonista e entendemos que sua ação na história transmuta com a do Louco, sem saber para onde ir, somente atrás do que precisa naquele momento, sem olhar para as consequências, ou seja, Eduardo Galeano cria um personagem viril e sem conhecimento sobre as circunstâncias que a vida poderá mostrar. Logo, no decorrer da história, outro viajante faz companhia para Felicinto, porém, em nenhum momento os dois trocam olhares, então, com a ação do galo que está se preparando para a morte, o homem se revela um mágico, mago ou até mesmo um demônio. Ou seja, o fogo nas mãos, inesperadamente, queima pedaços de terras com frutos e lugares para descanso e com esta magia o personagem some e fica somente a destruição.

Apesar disso, Felicinto continua caminhando à procura de comida e um local para dormir, não encontra e fica desolado, no meio do caminho, encontra um vulto de uma mulher com véu preto, que se chama dama da noite e enfeitiça o personagem e diz que ele pode conseguir tudo o que deseja, pois em nenhum momento ele pediu nada para o demônio. Nesta parte do enredo, podemos considerar que a dama da noite é uma feiticeira ou a sacerdotisa, que se encontra também no tarô, visto que, a carta 2 dos arcanos maiores simboliza a intuição, o recebimento do inconsciente. Esta carta simboliza o yang e yin, possuindo todos os elementos de transformar a realidade externa. Com isso, o personagem caminha com um amontoado de pedras nas costas à procura de alguém para comprar.

Todavia, Felicinto caminha devagar e com pedras em suas costas, de modo a trocar por dinheiro ou comida, mas não encontra ninguém que queira e, no meio do caminho, sozinho e com fome, encontra novamente uma senhora. Ela está comendo um empada, que oferece para ele, que aceita um pedaço. Quando ela entrega a comida também mostra uma máscara. Contudo, Felicinto aceita a máscara, para cobrir o rosto; “Com isso, cubra a sua cara, que é o que tem de mais despido” (GALEANO, 2007, p.177), assim a mulher diz, e desaparece. O protagonista coloca a máscara e volta para a aldeia. Ao dormir no trajeto, um grupo de

rapazes se assusta com a imagem de Felicinto, pois ele tinha se tornado um demônio, havia chifres em sua cabeça e uma cauda pontuda.

Afinal, a história não poderia se tornar algo tão diferente do que o baralho do Tarô, que simbolicamente remete a fases de nossa vida, em que, certa vezes, somos um demônio, um louco, uma sacerdotisa, um mágico, e conforme caminhamos em nosso trajeto nos modificamos, pois o nosso cérebro funciona pela ação do corpo e pela objetividade da mente, e nesta relação de reflexão surge a intuição, que nos guia. Com isso, nesse paralelo entre o Tarô e o conto de Eduardo Galeano, estabeleço os componentes simbólicos que cada história, seja ela fictícia, folclórica, possui. Em síntese, se até os contos têm símbolos que nos traduz a vida, por que de fato o tarô não será um meio de relacionar a nossa vivência?

CONCLUSÃO

Como resultado esperado deste artigo, o simbolismo foi uma vertente que passou por diversos episódios de compreensão para se tornar o que tanto utilizamos em nosso meio, logo, o Tarô convoca este entendimento para que nós possamos transicionar entre os dois mundos, a descoberta dos símbolos com a utilização das cartas do Tarô; portanto, as imagens e números que cada carta dos 22 Arcanos maiores revela são imagens efetivas, intuitivas que levam à descoberta de revelações da nossa vida e dos objetivos, como também em relação à saúde, aos relacionamentos e ao trabalho. Esses parâmetros são utilizados pelas cartomantes a fim de descobrir algo que por muitas vezes está em nossa visão e não conseguimos perceber.

Logo, a história de Eduardo Galeano, em seu livro *Palavras andantes*, especificamente no conto ”História da Redenção da Pobreza”, tem como primícia a vida de Felicinto, um homem comum, que está em busca de casa e comida. Durante todo o trajeto deste personagem na história, compreendemos que as cartas do Tarô simbolizam o trajeto de vida, logo, evidenciamos que a carta do Louco relaciona com a situação inicial de Felicinto nesta história, indeciso, aflito, curioso, preocupado, aventureiro, aspectos inerentes à simbologia do Louco, no decorrer da trama, notamos, ainda, o aparecimento de outro personagem, sem identificação, mas, em sua única ação na história, mostra que é supostamente um mágico que está guiando Felicinto para algum local. Quando o mágico traz o caos, o protagonista não vê saída e continua caminhando.

Neste impasse, sem saber para onde ir, encontra uma mulher misteriosa com um véu preto entre o rosto, que lhe oferece um beijo e comunica palavras de poder para sua vida, quando ela aponta para um monte longe da vista dos dois, pedras surgem, portanto, a Feiticeira surge na trama ou a sacerdotisa, que vem para indicar intuição e aproximação com a sabedoria, pois, por muitas vezes Felicinto na história caminhava e não percebia, somente enxergava o que era necessário para ele naquele momento. Logo, Felicinto fica radiante e leva todas as pedras que consegue carregar, chega em um vilarejo e custa a vender e, por fim,não consegue; novamente, segue o rumo, perdido e sem saída.

No decorrer do caminho, encontra uma mulher idosa, que não mostra a face, oferece pão e uma máscara, dando a entender que, ele precisa cobrir pelo menos o rosto para não passar frio. A questão dos Arcanos Maiores que está sendo analisada nesta história é: quem poderá ser esta senhora misteriosa? Um demônio? Abraçando esta concepção como simbólica, entendo que a mulher velha que lhe entrega a máscara é um demônio que lhe transfere um fardo que ele precisa carregar pelo resto da vida, assumir uma identidade que não é sua e, mesmo assim, viver acorrentado na riqueza e na fartura.

Embora esta história de Eduardo Galeano, seja um conto para encantar, justificar e até mesmo refletir, compreendo que esta história tem muitos aspectos semelhantes em nossa jornada como seres humanos, ainda mais quando utilizamos o Tarô mágico para mostrar nossa "sorte", ou seja, mostrar o que não conseguimos ver. Esta é a verdadeira maneira que entendo o tarô: um baralho esotérico, repleto de mistérios e que nos completa com perguntas sugeridas através dos símbolos. Dessa maneira, utilizamos a nossa intuição e os aspectos que envolvem nosso cotidiano para revelar a verdade por trás de cada carta. Enxergar menos e perceber mais.

Enfim, o artigo trouxe para esta pesquisa contribuições veementes, verdadeiras e interessantes para o mundo. A história do tarô torna-se um mistério, pois, apesar de nascer em berço de uma mistura multicultural e migratória e, ao mesmo tempo, ser fonte artística de contemplação, os desenhos de cada símbolo do tarô foram criados intuitivamente e advindo de uma mulher com fortes traços de uma repreensão social na época, ou seja, as mulheres não podiam ler o tarô, eram proibidas, pois não eram dadas como dignas, logo, este cenário mudou, e as cartomantes mulheres são atualmente as que conquistam este patamar. Também temos a linda obra de arte do livro de Eduardo Galeano com seus contos, que reverberam reflexões sobre a nossa sociedade e sobre nós mesmos. Foi nesse sentido que aqui se propôs entrelaçar esses mundos e correlacionar a perfeição que é relatar uma história traçada por outras mãos e outros olhares, mas que permanece única para aqueles que utilizam o Tarô e o Conto "História da redenção da pobreza", que se tornam únicos graças ao olhar de um espectador que caminha com suas próprias bagagem no mundo e que, dessa maneira, pode tirar sua própria sabedoria sobre o ocorrido.

Neste ínterim, abraço a arte de poder relatar e refletir os arcanos maiores, em contraponto com a obra de Eduardo Galeano, é neste aspecto subjetivo que utilizamos para nossas vidas premissas importantes do nosso trajeto como seres humanos, o conhecimento da sabedoria sobre todas as coisas no mundo.

ISSN: 2718-8310

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Laurant, J., (1995). O Esoterismo. São Paulo: Paulus.

Faivre, A., (1994). *O Esoterismo***.** Campinas. SP: Papirus.

Heinemann de Souza Aranha, R., (2010). Os arcanos maiores do Tarô e a pintura simbolista do séc. XIX: uma visão interpretativa da correlação arquetípica. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós - Graduação em Artes da UNICAMP, Campinas - SP. Disponível em: ttp://repertorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284920.

Bem-Dov, Y., (2020). O tarô de Marselha revelado: um guia completo para o seu simbolismo, significados e métodos. (Tradução Denise de Carvalho Rocha). São Paulo - SP: Editora Pensamento.

Barthes, R., (1990). O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Santa Rosa Júnior, C., (2010). Cartas Marcadas: Multimodalidade discursiva e Transitividade em baralhos de tarô, 2010. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pernambuco, Recife - PE, Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/xm lui/bitstream/han le/ 123456789/7673/arquivo454_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 22 fev.2018

Louis, A., (2019). O livro completo do tarô: um guia prático de referências cruzadas com a cabala, numerologia, psicologia, jungiana, história, origens, os vários tipos de tarô e muito mais. (Tradução Marcelo Brandão Cipolla). São Paulo - SP: Editora Pensamento.

Bartlett, S., (2011). A Bíblia do tarô: o guia definitivo das tiragens e do significado dos arcanos maiores e menos. (Tradução Eddie Van Feu e Patrícia Balan). São Paulo - SP: Pensamento.

Parisse, F., (2020). Tarô de Marselha: A jornada do autoconhecimento. Guia do usuário para tiragens e interpretações. (Tradução Karina Jannini). São Paulo-SP. Editora Pensamento Cultrix.

Godo, C., (2020) O Tarô de Marselha. Prefácio Luis Pellegrini. 2. ed. São Paulo - SP. Editora Pensamento.

CLUBEDOTARO - “S/ autor”, Base de Dados Tropical: BDT in Brasil. Disponível em <http://www.clubedotaro.com.br/site/index.asp Acesso em 3 de junho de 2010. (Compilação de Constantino K. Riemma https://www.clubedotaro.com.br/site/h22_1_origens.asp)

Naiff, N., (2020). Curso completo de Tarô. 12. Ed. São Paulo - SP: Editora Alfabeto.

ISSN: 2718-8310

Jung, C.G., (2013). "O Significado da constituição da herança para a psicologia". In: JUNG, C. G. A dinâmica do inconsciente: a natureza da psique. 10.ed. Petrópolis: Vozes (Obra completa de C. G. Jung Vol, 8/2)

Gonçalves, G., (2021). Os instintos nas neurociências afetivas e na psicologia analítica. Junguiana, v.39-2, p.117-130. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.

Sousa, E., (2022) Tarot Farm. O Louco o significado do Tarot. Fonte: https://tarotfarm.com.br/o-louco-significado-no-tarot/ (Último acesso: dez, 2022)

Galeano, E., (2007). As Palavras andantes. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre–RS: Editora Pallotti.

REFERÊNCIAS FIGURAS

Figura 01 - Taro de Rider Waite.
Fonte: http://tarotoraculomilenar.blogspot.com/2011/06/arcanos-ocidental.html

Carta 2: A Sacerdotisa.
Fonte:ttps://www.dmastro.com.br/dmastroblog/produto/quadro-emoldurado-taro-rider-waite-arcano-maior-2-a-alta-sacerdotisa-de-arthur-edward-waite-e-pamela-colman-smith/

Carta 15: O Diabo .
Fonte:ttps://www.dmastro.com.br/dmastroblog/produto/quadro-emoldurado-taro-rider-waite-arcano-maior-15-o-diabo-de-arthur-edward-waite-e-pamela-colman-smith/